

(transcrição)

Vaticano (Roma), 12 de outubro de 2000

Congresso Internacional Teológico-pastoral:

"Os filhos, primavera da família e da sociedade"

Chiara Lubich: **A evangelização dos filhos**

[...]

Autoridades eclesásticas, autoridades civis, senhoras e senhores, o tema proposto para este momento do nosso Congresso (a evangelização dos filhos) é de extrema importância para os nossos filhos, para as famílias, a comunidade eclesial e a sociedade civil. De fato, conseguir transmitir nos dias de hoje os valores do Evangelho às novas gerações, significa realizar uma convivência mais solidária e de alto significado ético, e, principalmente, lançar as bases para a sua continuidade também no futuro.

Existem vários modos de transmitir o Evangelho.

Eu falarei daquele que conheço, isto é, da experiência de educação evangélica das crianças do Movimento dos Focolares, o qual tenho a honra de presidir. [...]

[...]

A "educação", entendida como «itinerário rumo a um "dever ser" no campo religioso, moral, comportamental, cultural e social dos filhos», provém de diversos agentes, muitas vezes em sinergia. A primeira agência educativa são os pais e a família; depois, a escola maternal, o ensino fundamental, a comunidade eclesial, com os seus grupos e especialistas em formação, as agremiações espontâneas e os meios de comunicação social.

Porém, gostaria de limitar esta nossa reflexão à família.

Como os pais e as famílias poderão desempenhar da melhor maneira possível a sua missão de educadores?

Antes de mais nada, empregando ao máximo os recursos pedagógicos próprios, que derivam do fato de serem pais; potencializados pela experiência pessoal e pelo eventual patrimônio cultural, oferecido pelo contexto social em que vivem. Trata-se do primeiro e insubstituível instrumento educativo, que todos os pais por natureza possuem.

Porém, existe também uma perspectiva mais ampla e mais alta. Os pais cristãos acreditam que seus filhos entram na dimensão existencial como um "projeto de imortalidade". O projeto de Deus para o homem é uma vida que começa fraca e indefesa, cresce e se afirma na interação com as criaturas e a criação, supera a morte e entra na perene novidade da condição divina, para se tornar "filho de Deus"ⁱ e viver como tal. É a aventura humana de Cristo, o qual, para vivê-la, teve que ser "acolhido e educado"ⁱⁱ por uma simples e pobre família, como disse João Paulo II; essa família podia ser "simples e pobre", mas certamente possuía aqueles recursos espirituais e humanos que faziam dela *o ambiente* adequado para a formação daquele Homem.

E cada família deve acreditar no amor de Deus, que juntamente com o dom da vida, prepara para cada filho o ambiente favorável para o seu desenvolvimento e o caminho a percorrer.

Mas qual é o caminho? Nós o conhecemos: «Eu sou o caminho – disse Jesus. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim» (Jo 14,6).

Educar um filho significa, em última análise, fazê-lo encontrar-se com Jesus.

A frase «deixai vir a mim as criancinhas...» (Mc 10,14) é uma sublime síntese de método educativo evangélico para uma formação não só religiosa, mas integralmente humana.

Será que há dois mil anos encontrar Jesus era mais fácil? Não sei... A história da salvação prossegue e Cristo continua a estar conosco, como havia prometido e os vários modos de Ele *estar presente* são o ponto de contato entre a família e Ele.

Gostaria de examinar brevemente dois deles, muito apropriados ao núcleo familiar.

Jesus está presente entre nós quando vivemos aquela sua famosa e explícita declaração: «Onde dois ou mais estiverem reunidos no meu nome, ali estou eu no meio deles» (Mt 18,20). Portanto, Jesus está presente quando estamos unidos. Segundo muitos Padres da Igreja e a tradicional interpretação do magistério, isso significa estar unidos n'Ele, na sua vontade, no amor recíproco, que é o seu mandamentoⁱⁱⁱ.

Pois bem, uma família ou um casal pode criar aquela condição com a qual, segundo Orígenes, Cristo é «atraído e desafiado»^{iv} a estar presente entre seus membros?

Todos constatamos que a família já é uma rede de amor, de amor humano que liga o pai à mãe; os dois aos filhos; os filhos aos pais; os filhos entre eles e ainda aos tios e avós; aos sobrinhos e netos. Se a família usufruir também do amor divino, oferecido pela vida cristã, daquele amor divino que foi infundido nos corações pelo Espírito Santo, então Cristo poderá estabelecer-se realmente nela, potencializando o amor humano, que já existe, e a graça do sacramento do matrimônio.

Os pais que se amam assim recebem Jesus em casa.

E como é esse amor humano-divino, o amor evangélico? Praticamente, como se ama segundo Jesus?

Nisso é mesmo necessário fixar a nossa atenção para compreender aquela que, de certo modo, pode se chamar a *arte de amar* de Cristo, que é exigente.

É um amor, o seu, que *ama a todos*.

É um amor que *é o primeiro a amar*.

É um amor que *ama sempre*, que nunca se acaba.

É um amor que entra na realidade do outro, que sabe *fazer-se um* com o outro.

Enfim, é um amor que *no outro, em quem quer que seja, vê e ama Jesus*, segundo as suas palavras... «A mim o fizeste» (Mt 25,40).

Se numa família os esposos se amam e amam desse modo, recomeçando sempre, sabendo morrer a si mesmos por amor ao outro, o amor recíproco, que recebe o Mestre em casa, atrai os filhos.

É uma tendência natural que os filhos imitem o comportamento dos pais.

Se isso acontece, levando em consideração unicamente o lado humano da família, o que poderá acontecer quando os pais forem imbuídos pela graça do sacramento e pela presença mística de Jesus entre eles?

Eu tenho a grande sorte de receber cartas de muitas crianças, porque a parte juvenil do nosso Movimento, compreende também as menorzinhas; e posso constatar a ação educadora espontânea, por assim dizer, de uma família que procura viver o amor evangélico.

«Ontem, papai me pediu para pegar vinho na adega – me escreveu Betty, de seis anos, de Milão –. Descendo as escadas, era escuro e tive medo. Depois, rezei e senti que Jesus estava perto de mim. Às vezes falo com Jesus. Outro dia eu estava no meu quarto fazendo o dever de casa e comecei a conversar com Ele; eu lhe disse muitas coisas e não queria mais parar. Sabe, quando faço um ato de amor, sinto uma coisa bela dentro de mim, como se alguém me fizesse elogios e me agradecesse. Penso que é Jesus».

Uma mãe francesa me escreveu: «Antes de colocá-los para deitar, rezo ajoelhada com as duas filhas maiores. Ontem à noite, Ruth me fez notar que Davi, o menor, continuava a brincar. "Deixe estar", eu lhe disse, "é assim que ele reza". Assim, nos recolhemos e rezamos as orações da noite. Quando reabrimos os olhos, Davi estava ao meu lado com as mãos juntas. "Você viu, mamãe – me disse Catarina, se nós amamos, Jesus lhe ensina"».

Outra presença de Jesus, significativa para o tema que estamos abordando, é aquela na sua Palavra.

Naquilo que diz respeito à nossa experiência espiritual, podemos dizer, que nós «nascemos com o Evangelho nas mãos» e ainda hoje é assim. Escolhemos uma frase para colocar em prática durante um mês na nossa vida do dia a dia. Desse modo, a nossa existência vem "evangelizada" e imersa em Deus, presente *totalmente* em cada fragmento da sua Palavra.

Com essa simples técnica pedagógica da gradação e da plenitude, Deus nos fez viver uma experiência espiritual e educativa forte e em contínua expansão. É uma experiência que envolve também as nossas e as famílias das comunidades que nascem ao redor dos Focolares, partilhando a nossa mesma aventura espiritual.

E nessas famílias, assim como para os filhos pequenos parte-se em pedacinhos o alimento cotidiano dos filhos, também é preciso *explicar por partes o Evangelho*. De que modo? Exatamente como nós, adultos, fazemos. Todos os meses escolhemos uma frase com o sentido completo, com um comentário aprovado pela Igreja, compreensível a todos, e procuramos vivê-la nas pequenas e grandes ocasiões do dia, quase instaurando com os filhos um santo e alegre espírito de competição. Se, depois, o papai e a mamãe contarem à noite como conseguiram viver como cristãos os fatos do dia, será espontâneo para os filhos fazer o mesmo, contando as suas experiências. São momentos em que *responsabilidade e reciprocidade* tecem de modo admirável o relacionamento familiar^v.

Nas crianças, que crescem em famílias assim, essa formação diária, com uma mentalidade segundo o Evangelho, é espontânea, e isso as levará a avaliar pessoas e situações com o modo de pensar de Jesus. Aprenderão a ver na humanidade a grande família dos filhos de Deus, e a usar das coisas deste mundo com um espírito puro e solidário, possuindo uma reta hierarquia de valores que vai orientá-las sempre.

É claro, chegarão também as provações e os períodos de crise e de busca; sobretudo na adolescência conheceremos a sua rebeldia e contestação, mas nenhuma atitude deles, por mais grave que seja, deverá paralisar ou apagar a nossa caridade por eles. A arte de amar, que Jesus nos ensinou, nos indicará como "nos fazer um" até o fim, nas várias etapas do seu crescimento; nos fará dar os conselhos justos, nos manterá sempre abertos ao diálogo e à partilha dos seus interesses. Saberemos "perder tempo" com os filhos, criar uma amizade com eles e ser seus confidentes. Porém, se a rebeldia perdurar, manteremos sempre a porta de casa aberta e reconheceremos na nossa dor uma sombra da dor de Cristo crucificado, que também viveu o abandono da parte de todos, inclusive do Pai. Nós a aceitaremos, como Jesus fez, permanecendo serenos.

Temos a certeza (e muitas experiências nos confirmam isso) de que todos os valores depositados neles permanecerão gravados para sempre, porque, na fase mais importante de sua vida, quando se formam a personalidade e o caráter, tiveram a grande sorte de encontrar Jesus, presente entre os pais e com a sua Palavra, na vida deles.

Foi constatado que as crianças sabem viver, melhor do que nós, com generosidade e totalitariedade, a Palavra de Deus. [...]

ⁱ Cf L.Macario, *L'educazione religiosa*, in N.Galli (aos cuidados de), *Vogliamo educare i nostri figli*, Vita e Pensiero, Milão 1985, p. 272;

ⁱⁱ João Paulo II, Angelus 26.12.1999, *L'Osservatore Romano*, ed. italiana, 27-28 de dezembro de 1999, p. 9;

ⁱⁱⁱ Cf Chiara Lubich, *Scritti Spirituali/3, Tutti uno*, Città Nuova 1989, p. 173;

^{iv} *Commento al Cantico*, 41, p.13, 94 B;

^v Cf. G.Milan, *Disagio adolescenziale e strategie educative*, Cleup Pádua 1999, pp. 56 e segs.